

PAUL AUSTER

O CADERNO VERMELHO

Histórias reais

Tradução

Rubens Figueiredo



Copyright © 1992, 1995, 2000, 2002 by Paul Auster

O autor agradece às seguintes revistas, onde cada parte dessa coletânea apareceu originalmente: *Granta* (“O caderno vermelho” e “Não significa nada”); *The New Yorker* (“Por que escrever?”); e *Conjunctions* (“Notícia de um acidente”).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Red Notebook: True Stories

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Cide Piquet

Revisão

Flávia Yacubian

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auster, Paul

O caderno vermelho : histórias reais / Paul Auster ; tradução Rubens Figueiredo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: The Red Notebook: True Stories

ISBN 978-85-359-1474-0

1. Contos norte-americanos I. Título.

09-04711

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

O caderno vermelho	9
Por que escrever?	49
Notícia de um acidente	65
Não significa nada	75

Sobre o autor	87
---------------	----

Para Carol Mann

O CADERNO
VERMELHO

EM 1972, uma grande amiga minha se viu em apuros com a justiça. Ela vivia na Irlanda naquele ano, num povoado perto da cidade de Sligo. Eu estava em seu chalé fazendo uma visita no dia em que um detetive à paisana chegou de carro e apresentou uma citação para que ela comparecesse a uma audiência. As acusações eram graves o bastante para exigir um advogado. Minha amiga pediu ajuda a conhecidos e conseguiu a indicação de um nome. Na manhã seguinte, fomos de bicicleta até a cidade para discutir o caso com essa pessoa. Para meu espanto, ele trabalhava para um escritório de advocacia chamado Argue e Phibbs.*

Essa é uma história real. Se alguém duvida, que visite Sligo e veja com os próprios olhos se é invenção minha ou não. Há vinte anos que me divirto muito ao pensar nesses nomes, mas embora eu possa perfeitamente provar que Argue e Phibbs eram pessoas reais, o fato de um nome ter se associado ao outro (para formar uma piada ainda mais deliciosa, a caricatura mais acabada da profissão de advogado) é algo em que ainda acho difícil acreditar.

Segundo a última informação que tive (três ou quatro anos atrás), o escritório continua indo de vento em popa.

* Em inglês: Argumentar e contar lorotas. (N. T.)

NO ANO SEGUINTE (1973), ofereceram-me o emprego de caseiro numa propriedade rural no sul da França. As encenças jurídicas da minha amiga tinham todas ficado para trás e, como nosso romance intermitente parecia estar aceso outra vez, resolvemos unir nossas forças e aceitamos juntos aquele emprego. Nessa ocasião, nós dois estávamos sem dinheiro e, se não fosse aquela proposta, teríamos sido obrigados a voltar para os Estados Unidos — o que nenhum de nós estava preparado para fazer naquele momento.

Acabou sendo um ano curioso. Por um lado, a casa era linda: uma grande construção de pedra do século XVIII, margeada por vinhedos e por uma reserva florestal. O povoado mais próximo ficava a dois quilômetros de distância, mas era habitado por não mais que quarenta pessoas, nenhuma delas com menos de sessenta ou setenta anos. Era um recanto ideal para dois jovens escritores passarem um ano, e de fato L. e eu trabalhamos muito lá, produzindo mais naquela casa do que qualquer um de nós pensava ser possível.

Por outro lado, estávamos sempre à beira do abismo. Nossos patrões, um casal de americanos que morava em Paris, nos mandavam um pequeno salário mensal (cinquenta dólares), uma ajuda de custo para o combustível do carro e dinheiro para alimentar dois cães labradores que viviam na propriedade. No fim das contas, era um trato generoso. Não havia aluguel para pagar e, ainda que nosso salário não fosse suficiente para cobrir nossos gastos, pelo menos já era uma mão na roda nas despesas de todo mês. Nosso plano era ganhar o resto fazendo traduções. Antes de deixarmos Paris e

nos estabelecermos no campo, tínhamos acertado uma série de trabalhos para o correr do ano. O que esquecemos de levar em conta é que os editores costumam ser vagarosos no pagamento de suas dívidas. Também esquecemos de considerar que os cheques enviados de um país para outro podem levar semanas para serem compensados e que, quando finalmente o são, as tarifas bancárias e as taxas do câmbio reduzem bastante o seu valor. Como eu e L. não tínhamos deixado margem nenhuma para erros ou para contas malfeitas, muitas vezes nos víamos num tremendo aperto.

Recordo furiosos ataques de abstinência de nicotina, meu corpo entorpecido, fissurado enquanto eu vasculhava entre as almofadas do sofá e rastejava embaixo dos guarda-louças em busca de moedinhas perdidas. Por dezoito cêntimos de franco (mais ou menos três centavos e meio de dólar), dava para comprar cigarros de uma marca chamada Parisiennes, vendidos em pacotes de quatro unidades. Lembro de alimentar os cães e achar que eles estavam comendo melhor do que eu. Lembro que L. e eu considerávamos a sério a possibilidade de abrir uma lata de comida para cachorro e comer no jantar.

Nossa única fonte de renda adicional naquele ano vinha de um homem chamado James Sugar.* (Não estou querendo insistir em nomes metafóricos, mas fatos são fatos, e não há nada que eu possa fazer a respeito.) Sugar era fotógrafo da revista *National Geographic* e entrou em nossas vidas porque estava colaborando com um de nossos patrões numa matéria sobre aquela região. Ele tirou fotos durante vários meses, cruzando a Provence inteira num carro alugado fornecido pela revista, e toda vez que estava na região passava a noite conosco. Como a revista também lhe custeava as despesas,

* Em inglês, açúcar. (N. T.)

ele nos dava o dinheiro que havia recebido para cobrir os gastos com hotel. Se bem me lembro, a soma chegava a cinquenta francos por noite. De fato, L. e eu nos tornamos seus anfitriões habituais e, como Sugar era um homem muito generoso, sempre ficávamos contentes de vê-lo. O único problema era que nunca sabíamos quando ele ia aparecer. Sugar nunca ligava para avisar e, na maioria das vezes, passavam-se semanas entre uma visita e outra. Assim, aprendemos a não contar com ele. Sugar chegava do nada, estacionava o seu carro azul lustroso na frente da casa, ficava uma ou duas noites e depois sumia outra vez. Sempre que ia embora, achávamos que era a última vez que iríamos vê-lo.

Os tempos mais difíceis para nós foram o final do inverno e o início da primavera. Os cheques não chegaram na data prevista, um dos cães foi roubado e pouco a pouco fomos obrigados a nos virar como podíamos, atacando o estoque de comida na cozinha. No final, não havia sobrado mais nada, a não ser um saco de cebola, uma garrafa de óleo de cozinha e um pacote de massa para torta, que alguém tinha comprado ainda antes de nos mudarmos para a casa — uma sobra mofada do verão anterior. L. e eu aguentamos a manhã inteira e até o início da tarde, mas lá pelas duas e meia a fome havia nos vencido, e fomos para a cozinha preparar a nossa última refeição. Em vista da escassez de ingredientes com que tínhamos de trabalhar, uma torta de cebola era o único prato que fazia algum sentido.

Depois que nossa mistura ficou no forno pelo que pareceu um tempo suficiente, nós a tiramos de lá, pusemos na mesa e nos servimos com voracidade. Contra todas as nossas expectativas, os dois achamos delicioso. Acho que até chegamos ao ponto de dizer que era a melhor comida que havíamos provado em toda a nossa vida, mas sem dúvida foi só um artifício, uma frágil tentativa de manter nosso ânimo eleva-

do. Depois de mastigar um pouco mais, no entanto, logo veio a frustração. De modo relutante — mas muito relutante mesmo —, fomos obrigados a reconhecer que a torta ainda não estava completamente assada, que o recheio ainda estava frio demais para ser comido. Não havia nada a fazer senão colocá-la de volta no forno por mais dez ou quinze minutos. Levando em conta a fome que estávamos sentindo, e o fato de que nossas glândulas salivares tinham acabado de ser acionadas, abdicar à torta não foi nada fácil.

A fim de reprimir a nossa impaciência, saímos da casa para dar uma volta, imaginando que o tempo iria passar mais depressa se nos afastássemos do cheiro gostoso que vinha da cozinha. Pelo que lembro, demos uma ou duas voltas em torno da casa. Talvez tenhamos começado uma conversa mais animada sobre sei lá o quê (não consigo lembrar), mas, seja lá o que tenha acontecido, e seja lá quanto tempo tenhamos ficado fora da casa, o fato é que na hora em que entramos de novo a cozinha estava cheia de fumaça. Corremos para o forno e puxamos a torta para fora, mas já era tarde demais. Nossa refeição estava morta. Tinha sido incinerada, queimada até virar uma massa carbonizada e empretecida, e não dava para salvar nem um pedacinho.

Hoje a história parece engraçada, mas na época não teve graça nenhuma. Nós havíamos caído num abismo escuro e nem eu nem ela conseguíamos imaginar um jeito de sair dele. Durante todos os anos em que batalhei para ser um homem, não creio que tenha havido um momento em que senti menos vontade de rir ou de fazer piadas. Era mesmo o fim da linha e um lugar horrível e apavorante para ficar.

Eram umas quatro da tarde. Menos de uma hora depois, o errante sr. Sugar apareceu do nada, parou o carro na frente da casa, no meio de uma nuvem de poeira, cascalho e terra, triturando tudo a seu redor. Se eu pensar com bastante força, ainda consigo ver o sorriso inocente e apatetado em

seu rosto na hora em que ele saltou do carro e nos deu boa tarde. Foi um milagre. Foi um verdadeiro milagre, e eu estava lá para testemunhar com os meus próprios olhos, para vivê-lo na minha própria carne. Até aquele momento, eu pensava que essas coisas só aconteciam nos livros.

Naquela noite Sugar nos levou para jantar em um restaurante de duas estrelas. Comemos bem e copiosamente, esvaziamos várias garrafas de vinho, rimos até não aguentar mais. E no entanto, por mais deliciosa que provavelmente estivesse a comida, não consigo me lembrar de nada. Mas nunca esqueci o gosto da torta de cebola.